

Cacique Raoni dá ultimato à Funai

TERESA GUIMARÃES
Da Agência Estado

BRASÍLIA — Os 40 índios caiapós acampados em volta de uma casa de hospedagem da empresa goiana Ensa — às margens do rio Xingu, na divisa entre os Estados do Pará e Mato Grosso — deram ontem um ultimato ao presidente da Funai, Dinarte Nobre de Madeiro. O líder da resistência, cacique Raoni, disse que se até hoje Madeiro não for ao local acompanhado do Ibama e da Polícia Federal, eles vão incendiar a casa de propriedade da empresa. Eles protestam contra os hóspedes que costumam visitar a fazenda da Ensa. Segundo os caiapós, a pesca e caça indiscriminadas estariam afetando a economia da aldeia, que tem cerca de 280 índios. Os três funcionários detidos pelos índios no interior da casa ameaçam se suicidar.

Madeiro viajou ontem para João Pessoa, para fazer uma operação de gengiva e enviou um representante ao Xingu, o funcionário da Funai e sobrinho de Raoni, Megaron, que, depois de entendimentos com os índios acampados, confessou que nada mais pode fazer para conter os ânimos. No-

bre de Madeiro enviou o funcionário da Funai como última tentativa para trazer Raoni até Brasília e admitiu a Megaron que o incidente pode custar a sua demissão.

Megaron foi portador de uma carta onde Madeiro convida o cacique a visitá-lo em Brasília na próxima semana para uma conversa. O cacique Raoni exige também a ampliação da área em cerca de 10 a 15 quilômetros da margem direita do Xingu. O cacique explica que nesta região estão enterrados os corpos de seu pai e antepassados. Para os índios, o lugar onde estão enterrados restos de seus familiares tem relevante valor cultural.

De acordo com Megaron, há três anos os índios reclamam à Funai a presença do Ibama e da Polícia Federal, para evitar a ação dos visitantes da Ensa na região. Como até hoje o presidente da fundação não tomou nenhuma providência, no dia 2 os caiapós cercaram a casa de hospedagem e, desde então, mantêm em seu interior três funcionários da empresa para forçar a negociação. "Os funcionários estão com medo e querem deixar a casa, mas os índios não permitem; eles já falam até em suicídio", disse Megaron. Ele garante, porém, que os três estão sendo bem-tratados pelos caiapós.

Os caiapós acusam os visitantes levados pela empresa — brasileiros e até estrangeiros — de pescar e caçar, e depois abandonar os restos pela região, sem nenhum respeito ao ambiente. Eles temem pela degradação da flora e pela mortandade indiscriminada dos peixes. De acordo com Megaron, a região é rica em trairas, pintados e pacus, e também em antas, pacas e jacarés.

A assessoria de imprensa da Polícia Federal em Brasília informou que até ontem a Funai não havia mandado nenhum documento comunicando a situação e a intenção de convidá-la para ir até a aldeia dos caiapós.

□ **CRÍTICA A EMENDA** — O ministro da Justiça, Nelson Jobim, criticou ontem, no Congresso, a proposta de emenda à Constituição que impede a demarcação de terras indígenas nas áreas de fronteira. Convidado a depor na comissão especial que trata do assunto, Jobim disse que, se o texto for aprovado, o Governo será obrigado a retirar todos os índios que vivem nas fronteiras da Amazônia.

"Falta consistência no texto e seus efeitos práticos seriam desastrosos", disse o ministro. A proposta de emenda é do deputado Nícias Ribeiro (PMDB-PA). Ao defender a demarca-

ção, Jobim recebeu o apoio dos representantes das comunidades indígenas, e dos ministros do Exército, Zenildo Lucena, e do Meio Ambiente, Gustavo Krause, também presentes à audiência. O ministro do Exército deu um rápido depoimento e defendeu a manutenção do texto constitucional.

□ **PEDIDO DE ASSENTAMENTO** — Cerca de 90 agricultores estão acampados deste ontem na sede da Eletrosul (Centrais Elétricas do Sul do Brasil), subsidiária da Eletrobrás, em Florianópolis. Os agricultores vivem em nove municípios que serão atingidos pela construção da usina hidrelétrica de Itá e reivindicam da empresa a compra de duas áreas de terra para a implantação de reassentamentos.

De acordo com um dos líderes do movimento, Ademar Gradue, o consórcio que vai construir a usina estipulou até abril do ano que vem o prazo para que as famílias desocupem suas terras, sem que a Eletrosul providencie novas áreas para assentamento.

Os agricultores entraram no prédio da Eletrosul sem qualquer resistência e se instalaram na porta de entrada ao prédio da empresa. Eles afirmam que só sairão depois de efetivada a compra das áreas reivindicadas.

1209
(190)
3